

# MORRER E TORNAR-SE IMORTAL: *Héracles e as representações iconográficas na cerâmica grega entre os séculos VI e IV a.C.*<sup>1</sup>

PAULO HENRIQUE PAGLIARELLI DOS REIS<sup>2</sup>

Especialista em Arqueologia, História e Sociedade (UNISA)

paulo.arqreis@gmail.com

Orientador: Profa. Dra. Camila Diogo de Souza (Pesquisadora Visitante UFF)

## RESUMO

O presente texto busca discutir a figura mitológica do herói grego Héracles por meio de representações do ciclo de morte e apoteose em vasos cerâmicos áticos entre os séculos VI a. C e IV a. C. Serão discutidas especificamente as cenas iconográficas da busca do cão Cérbero no mundo dos mortos e a introdução do herói ao Olimpo conduzida pelos deuses. A pesquisa apresenta os principais resultados da descrição e análise iconográfica da cerâmica grega e de tradição grega, relacionando a leitura da cultura material à documentação textual. O principal objetivo é refletir sobre as relações entre a cultura visual e as concepções de morte e do morrer na religião grega antiga a partir de seu aspecto pan-helênico.

## PALAVRAS-CHAVE

*Héracles; Cerâmica Grega; Cérbero; Apoteose; Cultura visual.*

## ABSTRACT

This article discusses the mythological figure of the Greek hero Heracles, through representations of the death cycle and apotheosis in Attic pottery between the 6<sup>th</sup> and 4<sup>th</sup> centuries BC. It will be discussed the iconographic scenes of the search for

1 O presente artigo constitui um recorte temático da monografia apresentada para obtenção do título de especialista no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, História e Sociedade da Universidade de Santo Amaro (UNISA), intitulada "Alcançando a imortalidade: representações da apoteose de Héracles na cerâmica grega dos séculos VI e IV a. C.", sob orientação da Profa. Dra. Camila Diogo de Souza, defendida no ano de 2019. Trata-se de um ensaio reflexivo sobre um dos aspectos da pesquisa, cujo tema relaciona-se de forma intrínseca à morte do herói na Grécia Antiga.

2 Paulo Henrique Pagliarelli dos Reis enviou o presente artigo para a Revista Gaïa no dia 21 de novembro de 2019, enquanto ainda cursava a especialização indicada.

the dog Cerberus in the underworld, and the introduction of the hero to Olympus led by the gods. The current research presents the main results of the description and iconographic analysis of the Greek pottery production, relating material culture interpretation with textual documentation. The main goal is to reflect on the connections between visual culture and conceptions of death and dying in ancient Greek religion, considering its Panhellenic aspect.

## KEYWORDS

*Herakles; Greek Pottery; Cerberus; Apotheosis; Visual culture.*

## INTRODUÇÃO

A figura mitológica de Hércules constitui uma das personagens mais representadas na iconografia da produção cerâmica grega e de tradição grega, sobretudo à ática entre os séculos VI a. C e IV a. C. Apesar de Hércules, enquanto ser, caracterizar-se como um herói, isto é, sujeito cuja ascendência é caracterizada por um ser divino (deus) e um mortal (homem), muitas cenas dessa produção cerâmica representam um momento de sua biografia que retrata sua divinização, ultrapassando as limitações da mortalidade.

Por meio da análise iconográfica de alguns exemplos dessas cenas, buscaremos discuti-lo enquanto figura heroica divinizada e refletir sobre a relação entre a mortalidade característica de sua existência e o alcance da imortalidade. Além disso, faremos alguns apontamentos sobre a materialidade do episódio da apoteose nos vasos cerâmicos em contextos da Grécia Antiga.

Objetivamos, assim, abordar aspectos da sociedade e identidade grega antiga por meio de uma concepção simbólica em relação à morte pautada na mitologia de Hércules, cuja expressão material encontra-se na cultura visual da produção cerâmica. Essa cultura visual apresenta características indicativas de uma possível transmissão de temas míticos e concepções sobre a morte e o morrer por meio das representações de um herói que transita entre o mundo dos homens, o mundo dos mortos e, também, o mundo dos deuses olímpicos ao renascer como uma divindade.

Para isso, apresentaremos brevemente a biografia de Hércules e os principais fundamentos teórico-metodológicos sobre a Arqueologia da Imagem e da Cultura Visual enquanto instrumentos de análise iconográfica. Em seguida, a contextualização das cenas referentes ao ciclo de morte e apoteose do herói será examinada a partir da descrição e análise de alguns vasos cerâmicos áticos datados entre os séculos VI a. C e IV a. C. Por fim, levantaremos algumas considerações finais sobre as relações entre mortalidade e imortalidade neste contexto histórico específico da Grécia Antiga, considerando seus aspectos pan-helênicos.

## QUEM FOI HÉRACLES NA MITOLOGIA GREGA?

Héraclès ou *Hércules* (na tradição latina) é uma das personagens mais emblemáticas e multifacetadas da mitologia e religião grega antiga, aparecendo em obras de referência para estudiosos do mundo antigo, por mitólogos (BRANDÃO, 2014), historiadores (GRIMAL, 2013), e até estudos mais voltados para a Arqueologia e cultura material (FLACELIÈRE; DEVAMBEZ, 1966; SHAPIRO, 1983; STAFFORD, 2005). Etimologicamente seu nome significa “o que fez a glória de Hera”, referindo-se aos famosos Doze Trabalhos impostos pela deusa, uma vez que antes da realização dos mesmos é chamado de Alcides (BRANDÃO, 2014, p. 303).

Na mitologia, Héraclès é fruto da união de Alcmena e Zeus. Dessa forma, caracteriza-se como um herói, raça híbrida, metade mortal e metade divina (Hes. *Op. w.* 156-175). Por seu nascimento ser resultado de uma traição de Zeus à sua esposa Hera, a deusa se enfurece e envia duas serpentes para matar Héraclès aos oito meses de idade, mas o herói as estrangula, evidenciando sua força divina (BRANDÃO, 2014, p. 304).

Na tradição grega, Héraclès era visto como detentor de vigor viril, vencedor de monstros e símbolo da civilização contra a selvageria. O culto em homenagem a Héraclès se propagou em diversos lugares do mundo grego e, conforme afirma Sarian (1999, p. 169), Héraclès se caracteriza como herói pan-helênico e cívico, que se integra à religião oficial da *pólis*, fazendo parte da religiosidade urbana.

Os feitos de Héraclès na mitologia são extremamente vastos, não associados a um mito em particular. O herói viveu diversas aventuras, passando por triunfos e sofrimentos. Para elucidar isso, Brandão (2014, p. 303) divide a jornada do herói grego em diferentes ciclos: 1 - Nascimento, infância e educação de Héraclès; 2 - O ciclo dos Doze Trabalhos; 3 - Aventuras secundárias, praticadas no curso dos Doze Trabalhos; 4 - Gestas independentes do ciclo anterior; e 5 - Ciclo de morte e da apoteose do herói.

Héraclès é, sem dúvida, uma das figuras mais complexas e onipresentes nos diversos aspectos da religião e do mundo grego antigo. Neste artigo pretendemos analisar o último ciclo da jornada do herói, o ciclo de morte e da apoteose. Esta etapa representa, por um lado, o fim de sua jornada como herói e, conseqüentemente, de sua existência enquanto mortal, e, de outro, possibilita a conquista da imortalidade por meio da divinização. Dessa forma, ela permite discutir aspectos simbólicos em relação à concepção de morte e de imortalidade do universo cultural, mitológico e religioso da antiguidade grega.

## ARQUEOLOGIA DA IMAGEM E CULTURA VISUAL: *aportes para análise iconográfica*

A transmissão dos mitos acerca de Héraclès na Grécia Antiga se configurou por meio de fontes textuais e arqueológicas, que o representavam de forma diver-

sificada. Todavia, é por meio das fontes materiais que a difusão e a propagação de seus feitos alcançaram uma maior parte da sociedade, pois, como mostra Flacelière e Devambez (1966, p. 69), a fonte escrita tinha um alcance reduzido e restrito, voltado às reflexões da elite, já os vasos cerâmicos pintados, por exemplo, tinham um caráter e apelo mais popular. Dessa forma, o objeto de estudo deste ensaio é constituído pelas cenas iconográficas presentes na cerâmica grega, entendida enquanto fonte histórica e arqueológica.

Conforme afirma Meneses (2003, p. 11-12), as fontes visuais carregam uma historicidade, o objeto visual se estabelece numa relação próxima à sociedade com a qual ele interage. Elas são fundamentais em contextos religiosos, detendo as funções de ensinar e transmitir algo aos indivíduos de uma determinada sociedade. Portanto, a materialidade visual das representações, ou seja, a imagem, não é algo isolado da sociedade, ela se relaciona constantemente aos indivíduos e evidencia determinadas práticas culturais e sociais. Imagem não é mera ilustração para a História e para os processos históricos, mas carrega, constrói e é construída por sua própria historicidade, de acordo com sua natureza única, podendo gerar conhecimentos, ações e reações humanas específicas.

Dentro dessa lógica, a cultura visual se manifesta como cultura material relacionada à vida em sociedade. Assim, ela

[...] teria que ser estudada não como o conjunto de coisas e contextos materiais de que se serve o homem na sua vida social, mas como a dimensão física, empírica, sensorial, corporal, da produção/reprodução social (o uso do termo “cultura” aqui também pressuporia mediação de significados e valores) (MENESES, 2003, p. 25).

Tais parâmetros e conceitos integram a chamada Arqueologia da Imagem, disciplina que consiste não somente na análise dos elementos iconográficos de um objeto, mas voltada também “à análise dos conteúdos temáticos presentes no conjunto imagético [...]” (ALDROVANDI, 2009, p. 39). A compreensão desses conteúdos temáticos é possível por meio da inserção da produção imagética pautada em um determinado contexto histórico. As representações visuais verbalizam e comunicam uma mensagem e estão inseridas em uma linguagem com funções e significados históricos. A Arqueologia da Imagem fornece instrumentos e recursos teóricos e metodológicos de interpretação da cultura visual enquanto produto e vetor das relações humanas e de seus aspectos sociais, simbólicos e ideológicos, por exemplo.

Os vasos cerâmicos são instrumentos constitutivos da cultura visual e, portanto, fornecem os meios para investigação de diferentes questões de funcionamento e mudanças de uma sociedade. Trata-se de uma inter-relação entre os agentes sociais no tempo/espaço com os objetos materiais. A cultura material “ganha vida” por meio das imagens e, a iconografia “fala” por meio da materialidade.

A imagem presente nos vasos gregos claramente se configura como uma representação visual com funções sociais nas diferentes sociedades da Grécia Antiga, principalmente com o papel narrativo de comunicar uma mensagem a partir de uma

determinada linguagem. A cerâmica apresenta elementos conhecidos que constituem a imagem, tanto por quem fazia e produzia quanto por quem consumia, utilizando e circulando imagens, gerando uma troca entre o expectador e usuário e a imagem, entre o observador e o observado. Como bem define Sarian (1987, p. 15), os vasos cerâmicos gregos são *portadores de imagens*, e todo esse conjunto de imagens se expressa com seu suporte material em diferentes esferas sociais e culturais do mundo grego antigo.

Podemos perceber que a Arqueologia da Imagem e a Cultura Visual nos fornecem base para a análise de cenas iconográficas e podem evidenciar elementos da sociedade por meio da interpretação da imagem. Um desses elementos que a cerâmica pode evidenciar é exatamente o mito e a religião grega antiga por meio da materialidade imagética, visto que essa religiosidade fazia parte de uma identidade e coletividade. Isso ficará evidente ao visualizarmos posteriormente os vasos cerâmicos com cenas mitológicas de Hércules no seu ciclo de morte e apoteose.

## ■ HÉRACLES E A PRODUÇÃO CERÂMICA GREGA E DE TRADIÇÃO GREGA

Na tradição iconográfica, Hércules se torna uma figura extremamente popular nos vasos da Grécia Antiga, eclodindo nos vasos cerâmicos tanto na técnica de figuras negras<sup>3</sup> como na técnica de figuras vermelhas<sup>4</sup>. Conforme afirma Boardman (1974, p. 221), nos vasos de figuras negras, Hércules é o herói mais bem representado, havendo uma queda em relação às cenas nos de figuras vermelhas (BOARDMAN, 1975, p. 226). O repertório iconográfico da produção cerâmica ática entre os séculos VI e IV a. C. apresenta uma grande quantidade de cenas que representam os Doze Trabalhos de Hércules.

O banco de dados de vasos gregos do site do Arquivo Beazley do Centro de Pesquisa de Arte Clássica da Universidade de Oxford<sup>5</sup> é uma das principais base de dados para pesquisadores de cerâmica grega e de tradição grega do mundo todo. O site conta atualmente com um total de 4357 peças cerâmicas catalogadas que apresentam cenas com Hércules. Dentre todos esses artefatos, evidenciamos o seguinte levantamento da cerâmica catalogada no Arquivo Beazley cujas cenas referem-se aos Doze Trabalhos do herói: 1232 cenas nos vasos referem-se ao episódio relativo ao Leão de Nemeia, 55 à Hidra de Lerna, 205 ao Javali de Erimanto, 179 ao da Corça de Cerínia, 9 às Aves do lago Estinfalo, 504 ao Touro de Creta, 11 às Éguas de Diomedes, 4 ao Cinturão da rainha Hipólita, 105 aos Bois de Gerião, 108 à busca do cão Cérbero e 30 aos Pomos de ouro do Jardim das Hespérides.

3 A técnica de produção da cerâmica de figuras negras é explicada detalhadamente em BOARDMAN, J. Introduction. In: \_\_\_\_\_. *Athenian black figure vases*. London: Thames and Hudson, 1974, p. 9-13.

4 A técnica de produção da cerâmica de figuras vermelhas é explicada detalhadamente em BOARDMAN, J. The first generation. In: \_\_\_\_\_. *Athenian Red Figure Vases: the archaic period*. London: Thames and Hudson, 1975, p. 11-12.

5 Disponível em: [www.beazley.ox.ac.uk](http://www.beazley.ox.ac.uk).

Não há nenhum artefato cerâmico catalogado no banco de dados que se refere ao episódio do Estábulo de Augias. Todavia, as cenas com representação da Apoteose e/ou Introdução ao Olimpo contam com a presença de 22 peças cerâmicas catalogadas. Esses dados tornam evidente a grande popularidade de Hércules nas representações visuais nos vasos cerâmicos gregos e de tradição grega.

Ao analisarmos a iconografia dos vasos cerâmicos gregos, alguns elementos iconográficos servem como atributos de identificação da figura mitológica de Hércules, nos auxiliando na leitura do material. Vários atributos podem ser observados para identificação do herói (BOARDMAN, 1974, p. 221). A clava e a pele do Leão de Nemeia são os principais símbolos iconográficos, uma vez que são atributos exclusivos a Hércules. Porém, o herói também pode aparecer com equipamentos e armas mais comuns, como espada, aljava e arco e flechas. No século VI a. C. é recorrente a representação do herói com barba, já a partir do século V a. C., frequentemente aparece nu e sem barba (BOARDMAN, 1989, p. 228), uma vez que no século V e IV a. C, os vasos cerâmicos enfatizam o lado mais humano de Hércules e focam menos na sua natureza heroica (CARPENTER, 1991, p. 117-118). Em diversos momentos Hércules está acompanhado de outras figuras mitológicas e divinas que nos ajudam a identificá-lo, como o centauro, seu cocheiro, o deus Hermes e, principalmente, a deusa Atena, sua protetora que constantemente o guia em suas aventuras.

## ■ **A MATERIALIDADE DA MORTE DO HERÓI: as representações de Hércules com Cérbero**

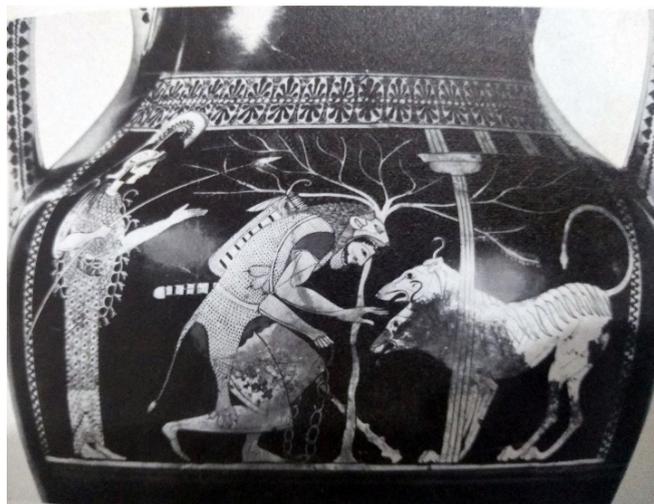
O ciclo da morte do herói é constituído pelo décimo primeiro trabalho de Hércules que consiste na descida ao mundo dos mortos com o objetivo de buscar e trazer de volta vivo Cérbero para ser entregue a Euristeu, rei de Argos. O cão é o guardião do reino de Hades e Perséfone, morada de todos os mortais, humanos e heróis, após a morte, sendo o mundo ctônico dividido em três partes: *Campos Elísios, Érebo e Tártaro* (BRANDÃO, 2014, p. 578). Cérbero impedia a entrada dos vivos e, caso esses entrassem, não os deixava sair. Nas versões textuais do episódio mítico, para capturar Cérbero e ingressar no mundo dos mortos, Hércules teve auxílio de Hermes e Atena por ordem de Zeus. Ao chegar ao reino dos mortos, Hércules pede a Hades para levar o cão à Micenas. O deus permite com a condição de que o herói não machucasse o animal e não fizesse uso de armas. Hércules agarra Cérbero, que perde as forças e se acalma, sendo levado do mundo dos mortos pelo herói.

Quando analisamos alguns dos vasos catalogados no Arquivo Beazley que apresentam representações visuais desse trabalho realizado pelo herói, podemos visualizar Hércules com Cérbero no mundo dos mortos na ânfora ática de figuras vermelhas (número do arquivo Beazley: 200011), datada entre 550-500 a. C. (Fig.1). Em uma das faces do vaso (face A), identificamos Atena, representada por uma figura feminina com túnica (*quítion*), lança e capacete, havendo ao fundo uma oliveira. Ao centro, verifica-se Hércules barbado, portando a pele do leão, espada na cintura e

uma corrente na mão. No chão, encontra-se sua clava, seguida pelo Cérbero, representado por um cachorro de porte grande de duas cabeças com cauda de cobra, junto a uma coluna com friso.

Na outra face da ânfora (face B), verificamos a representação de dois sátiros, um com coroa de hera e outro com instrumento musical (uma cítara). Ao centro, Dioniso se faz presente: uma figura masculina com barba, coroa de hera, portando um cântaro e ramo de videira, seguido por uma Mênade, figura feminina, que segura uma enócoa. À direita, o sátiro carrega um saco nas costas (odre).

No painel em que verificamos a cena da descida de Hércules ao mundo dos mortos, o herói é representado abaixado como se estivesse domando Cérbero. A captura do guardião é apresentada de uma maneira bastante pacífica, sem o uso de armas letais, pois sua clava está no chão e a espada não está empunhada. O mesmo gesto vale para Cérbero que não aparece em posição de ataque. A coluna com friso provavelmente indica a representação da entrada para o mundo dos mortos. A presença da deusa Atena junto ao herói assegura a execução da tarefa.



**Figura 1:** Face A da ânfora ática de figuras vermelhas. Número no arquivo Beazley: 200011. Foto: BOARD-MAN, J. *Athenian black figure vases*. London: Thames and Hudson, 1974, p. 117, número 162.

Em outra ânfora ática de figuras negras (número do arquivo Beazley: 302102)<sup>6</sup>, datada entre 550-500 a. C., Hércules está no mundo dos mortos. Em uma das faces do vaso (face A), verificamos Atena representada por uma figura feminina com túnica (*quítton*), lança, escudo e capacete. Ao centro, Hércules barbado, portando a pele do leão, espada na cintura, aljava nas costas e a clava na mão, seguido por Cérbero, representado por um cachorro de porte grande de duas cabeças com cauda de cobra. Ao lado direito, Hades barbado, representado por figura masculina envelhecida com

<sup>6</sup> Para visualizar as imagens das cenas e do vaso vide: <https://www.beazley.ox.ac.uk/XDB/ASP/recordDetailsLarge.asp?recordCount=1&id={F6FA2648-330F-462E-91E2-2240AD37B482}&returnPage=&start=0>.

cabelos longos e portando um cetro na mão, à direita de Hades (ou do rei), Perséfone, representada por figura feminina com coroa (*pólos*), sentada em uma cadeira, junto a uma coluna com friso.

Na outra face da ânfora (face B), Ariadne aparece representada por figura feminina conduzindo uma quadriga, carro constituído por quatro cavalos. Ao centro, Dioniso, representado por figura masculina barbada com coroa de hera e ramo de videira na mão, seguido por animal felino, provavelmente uma pantera. À direita, uma Mênade, representada por uma figura feminina.

No painel em que aparece Hércules no mundo dos mortos, observamos novamente a tarefa do herói em capturar Cérbero. Apesar de sua clava estar em uma de suas mãos, o herói não parece estar atacando o cão, mas o domando de acordo com a movimentação de seu braço esquerdo e pelo fato de estar abaixado. O mesmo acontece com a representação do Cérbero, que não está em posição de ataque. Hades olha em direção a Hércules, consentindo que o herói leve o cão. Os elementos arquitetônicos na cena parecem representar a entrada do mundo dos mortos. Novamente, vale destacar a presença de Atena, próxima a Hércules, o guiando e auxiliando em sua jornada.

Na ânfora ática de figuras negras (número do arquivo Beazley: 302218), também datada entre 550-500 a. C. (Figs. 2A e 2B), em uma das faces do vaso (face A), identificamos Hermes barbado, representado por figura masculina com botas aladas, portando um chapéu (*pétaso*) e um caduceu. Ao fundo, uma oliveira. Ao centro, Hércules barbado, portando a pele do leão, espada na cintura e uma corrente na mão. No chão, encontra-se sua clava, seguida pelo Cérbero, representado por um cachorro de porte grande de duas cabeças com cauda de cobra, junto a uma coluna com friso. À direita, Perséfone, representada por figura feminina com coroa (*pólos*).

Na outra face da ânfora (face B), verificamos três figuras humanas estando duas ao fundo e uma delas conduzindo uma quadriga. À direita, à frente dos cavalos da quadriga, Hermes, representado por figura masculina com botas aladas, chapéu (*pétaso*) e caduceu, seguido por figura humana. O painel do vaso está danificado, dificultando sua descrição.

Na face em que verificamos a cena da descida de Hércules ao mundo dos mortos, o herói é representado abaixado, como se estivesse domando Cérbero. A captura do guardião é apresentada de uma maneira bastante pacífica, sem o uso de armas letais, pois sua clava está no chão e a espada não está empunhada. O mesmo gesto vale para Cérbero, que não aparece em posição de ataque. A coluna com friso provavelmente indica a representação da entrada para o mundo dos mortos, além da presença de Perséfone, rainha do Hades, dentro de um edifício que aparenta ser a entrada do mundo dos mortos. A presença de Hermes junto ao herói assegura a execução da tarefa. Nota-se uma semelhança muito grande no painel com uma das faces da Fig.1.



**Figura 2A:** Face A da ânfora ática de figuras negras. Número no arquivo Beazley: 302218. Foto: BOARDMAN, J. *Athenian black figure vases*. London: Thames and Hudson, 1974, p. 117, número 163.



**Figura 2B:** Face A da ânfora ática de figuras negras. Número no arquivo Beazley: 302218. Foto: <https://www.ancient.eu/image/6928/hercules-captures-kerberos/>.

Nestes poucos exemplos aqui descritos, notamos que não há um combate direto, com resistência e luta entre ambas as personagens. A grande proeza do herói é conseguir chegar ao reino dos mortos, “a natureza da vitória é diferente: não há combate, não há violência e seu mérito é muito maior por ter vencido o temor da viagem aos infernos, terra dos mortos, do que por ter domado Cérbero” (SARIAN, 1987, p. 27). A realização desse trabalho não está ligada ao mundo humano dos mortais, dos vivos. Como define Brandão (2014, p. 310), está ligada à “catábese”, uma morte simbólica representada pela descida ao mundo dos mortos, sendo seguida pela “anábase”, a subida representada pela saída de Hércules do mundo dos mortos com Cérbero.

Cérbero representa o medo da morte, o próprio Hades e o terror interior de cada um (BRANDÃO, 2014, p. 126). A busca do guardião do mundo dos mortos e o retorno de Hércules simbolizam a superação do herói diante da morte e dos hor-

rores do mundo inferior, uma forma de morrer, adentrar o mundo dos mortos, e vencer a morte simultaneamente com a ascensão ao mundo dos vivos. Temos aqui uma simbologia da morte representada no mito em que, aos poucos, Hércules vai se despidendo de sua mortalidade humana e alcançando a imortalidade de seu caráter divino. Trata-se do prenúncio de sua apoteose.

## ■ A MATERIALIDADE DA IMORTALIDADE: *cenar da apoteose de Hércules*

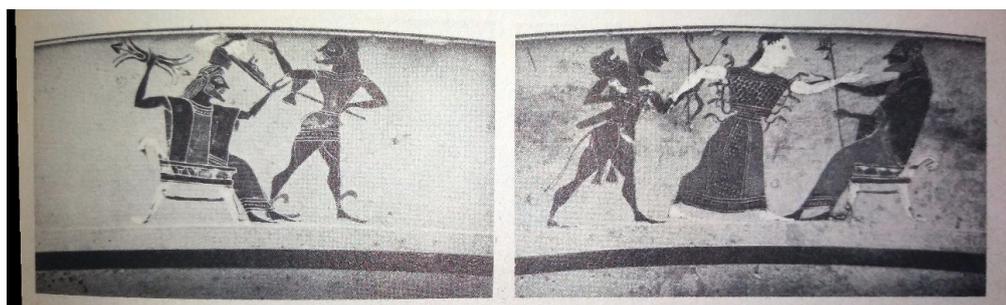
A introdução de Hércules ao Olimpo é vista no cálice ático de figuras negras (número do arquivo Beazley: 301068), datado de 575-525 a.C. (Figs. 3A, 3B e 3C). Em uma das faces do vaso (face A), identificamos Hércules barbado, portando a pele do leão, clava, aljava e arco e flechas. Ao centro, Atena, representada por figura feminina com túnica (*quítion*). À direita, Zeus barbado, representado por figura masculina com cabelos longos e portando cetro, sentado em um trono.

Na outra face do cálice (face B), verificamos Zeus barbado, representado por figura masculina com cabelos longos portando raio, sentado em um trono. Da cabeça de Zeus sai Atena, representada por figura feminina pequena de escudo. À direita, Hefesto barbado, representado por figura masculina com machado duplo.

No painel onde está representada a introdução de Hércules ao Olimpo, observamos que a cena mostra a apoteose do herói após sua morte como mortal. Atena o guia segurando em seus braços e o entregando a Zeus, sendo a deusa responsável por introduzir o herói nos mundos imortais (BOARDMAN, 1974, p. 224). Tanto à presença de Atena como a de Zeus, evidenciam que Hércules alcança sua imortalidade por meio da morte humana.



**Figura 3A e 3B:** Face A e B do cálice ático de figuras negras. Número no arquivo Beazley: 301068. Foto: BM Vase B424. Walters, H B; Forsdyke, E J; Smith, C H, *Catalogue of Vases in the British Museum, I-IV*, London, BMP, 1893. Creative Commons. The British Museum: [https://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=398917&partId=1](https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=398917&partId=1).



**Figura 3C:** Face A e B do cálice ático de figuras negras. Número no arquivo Beazley: 301068. Foto: BOARDMAN, J. *Athenian black figure vases*. London: Thames and Hudson, 1974, p. 89, número 123.

Em um lécito ático de figuras negras (número do arquivo Beazley: 7837)<sup>7</sup>, datado de 525-475 a.C., com painel iconográfico único localizado no corpo do vaso, identificamos Hércules, com a pele do leão e clava, seguido por Atena, representada por figura feminina com túnica (*quítón*), lança e capacete. Ao lado, Hermes barbado, representado por figura masculina com botas aladas, chapéu (*pétaso*) e caduceu. À direita, Apolo, representado por figura masculina com instrumento musical de cordas (uma cítara), que se dirige para Zeus barbado, representado por figura masculina portando cetro e raio e sentado em um trono. Entre Apolo e Zeus, aparece uma coluna. Ao lado de Zeus, aparece Hera, representada por uma figura feminina com braço levantado e ramos na mão.

A cena claramente mostra divindades, Apolo, Hermes e Atena, conduzindo Hércules ao Olimpo. O herói é recepcionado por Zeus e sua esposa, Hera que aceita Hércules como filho (PORTO, 2018, p. 187). A cena evidencia Hércules se tornando um deus entre as divindades olímpicas.

Em outro lécito ático de figuras negras (número do arquivo Beazley: 305500), datado de 525-475 a.C. (Figs. 4A, 4B e 4C), com painel iconográfico único localizado no corpo do vaso, identificamos Íris, representada por uma figura feminina alada com véu na cabeça, seguida por Hércules portando a pele do leão e aljava nas costas. Ao lado, Atena, representada por figura feminina com túnica (*quítón*), lança e capacete. Próximo aos seus pés aparece um leão. À direita, aparece Zeus barbado, representado por figura masculina portando cetro e raio e sentado em um trono, ao lado Ganimedes, representado por figura masculina com enócoa na mão. À direita Ares, representado por figura masculina portando lança e capacete de *hóplita*.

A cena mostra Íris e Atena conduzindo Hércules ao mundo dos deuses sendo recepcionado por Zeus e seu copeiro, Ganimedes (BRANDÃO, 2014, p. 271) e pelo deus Ares. A cena evidencia a entrada de Hércules no Olimpo, uma vez que Atena o guia e alguns deuses se fazem presentes, em especial a participação de Zeus, que geralmente está presente na apoteose do herói (BOARDMAN, 1974, p. 224).

<sup>7</sup> Para visualizar as imagens das cenas e do vaso vide: <https://www.beazley.ox.ac.uk/XDB/ASP/recordDetailsLarge.asp?recordCount=1&id={C5DA9BB5-592F-4D74-81F4-64C657491FCC}&returnPage=&start=0>.

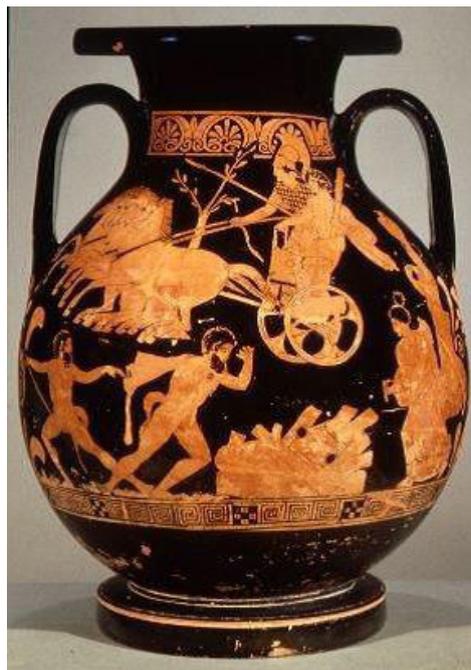


**Figura 4A, 4B e 4C:** Painel iconográfico único do lécito ático de figuras negras. Número no arquivo Beazley: 305500. Foto: MET 41.162.30. Rogers Fund, 1941. Creative Commons. The Metropolitan Museum of Art: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/254197>.

Podemos observar a apoteose de Hércules na pélica ática de figuras vermelhas (número do arquivo Beazley: 215719), datada de 450-400 a.C. (Figs.5A e 5B). Em uma das faces do vaso (face A), na porção superior aparece quatro cavalos que compõem uma quadriga conduzida por Atena, figura feminina com túnica (*quítton*), lança e capacete. Ao seu lado, junto à quadriga, aparece Hércules sem barba portando sua clava, porém, sem a pele do leão. Ao fundo, uma oliveira. Na parte inferior do painel, aparecem dois sátiros, seguidos de uma pira onde se encontra uma armadura, e duas Mênades, figuras femininas portando hídrias.

Na outra face da pélica (face B), verificamos uma Mênade, figura feminina sentada, seguida por um sátiro com bastão (tirso), seguido por outra Mênade, figura feminina. À direita, outro sátiro.

No painel em que verificamos a representação da apoteose de Hércules, notamos mais uma vez a presença de Atena guiando Hércules ao Olimpo, porém, desta vez com uma quadriga. O principal elemento de apoteose é a presença da pira com fogo que representa a negação da mortalidade de Hércules, símbolo de purificação do herói, pois com o consumo de sua existência física pelo fogo, Hércules perde todos seus elementos humanos na pira (BRANDÃO, 2014, p. 316).



**Figura 5A:** Face A da pélica ática de figuras vermelhas. Número no arquivo Beazley: 215719. Foto: PORTO, V. C. Héracles, um Herói-Deus. *Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino*, v. 1, n. 2, p. 180-193, Jul./Dez, 2018.



**Figura 5B:** Face A da pélica ática de figuras vermelhas. Número no arquivo Beazley: 215719. Foto: BOARDMAN, J. *Athenian Red Figure Vases: the classical period*. London: Thames and Hudson, 1989, p. 163, número 311.

O ciclo da morte do herói se encerra com o tema da apoteose, por meio da qual o caráter divino de Héracles se sobressai enquanto ser híbrido resultando na imortalidade. A apoteose corresponde à introdução de Héracles ao Olimpo, portanto, ao mundo dos deuses. Na versão mais conhecida do mito o herói escala o Monte Eta, perto de Tráquis (BRANDÃO, 2014, p. 315-316). Como a túnica que utiliza para realizar a descomunal tarefa havia sido envenenada com o sangue da Hidra de Lerna pelo centauro Nesso, Héracles não aguenta a enorme dor e ordena que seu companheiro Filoctetes acenda uma pira, sobre a qual se deita. Com o espalhar do fogo, Zeus aparece e leva seu filho para o Olimpo.

Héracles é introduzido na morada dos imortais, coroando os trabalhos que rea-

lizou durante sua vida enquanto mortal e herói. Apesar da morte de Hércules possuir mais de uma versão na mitologia, há um elemento comum em todas elas, a presença do fogo. O sacrifício do herói em se cremar na pira é necessário para purificar-se e despir-se completamente de sua mortalidade. A morte do herói na pira encerra seu caráter humano mortal. Com a apoteose, Hércules vence a morte e se torna um ser divino, adquirindo a imortalidade. Para realizar sua apoteose o herói teria que conhecer a própria morte: “De qualquer forma, só o aniquilamento do Hércules humano permitiu a apoteose do filho de Zeus; mas ainda não se deu a devida importância à tensão que constantemente reenvia Hércules da morte dos mortais para a morte que imortaliza” (BRANDÃO, 2014, p. 317).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de apresentarmos nesse breve ensaio a descrição de apenas 7 vasos, dos quais 4 pertencem aos 21 vasos que constitui um *corpus* documental de vasos cerâmicos mais extenso de pesquisa, a descrição detalhada dos vasos combinada com a análise de uma bibliografia teórico-metodológica e versões textuais do mito e dos Doze Trabalhos de Hércules nos permite reflexões sobre a simbologia da morte, do morrer, da mortalidade e do alcance da imortalidade na cultura helênica. Hércules, figura mitológica e, portanto, parte integrante do universo cultural do mundo das crenças e da religião grega, é caracterizado como um herói, isto é, um ser híbrido que, apesar da ascendência divina, filho de Zeus, a mortalidade característica da sua outra metade de ascendência humana sobrepõe-se ao caráter da sua existência.

Para alcançar a imortalidade, sendo incorporado no mundo dos deuses, o herói teve que conhecer o sofrimento e a humilhação como um homem mortal (BRANDÃO, 2014, p. 317). Seus Doze Trabalhos são reflexo dessa jornada e do processo de divinização do herói. Tal processo, na verdade, inicia-se com a ida ao reino dos mortos para capturar Cérbero (Figs. 1 e 2), pois a partir da entrada no reino dos mortos e do dom de domar e conquistar o cão que representa a entrada no Hades, o início do pós-vida e, portanto, da mortalidade, Hércules começa a se livrar da condição humana enquanto mortal. Somente com a sua introdução no Olimpo (Figs. 3, 4 e 5) que o herói perde completamente sua condição de mortal e sua existência alcança a imortalidade.

Até mesmo sua morte pelo fogo na pira é simbólica, uma vez que era preciso o sacrifício de queimar e sublimar sua existência enquanto mortal, enquanto herói. O fogo da pira é algo purificador, as chamas consumiriam sua parte humana. É interessante notar que a prática da cremação constitui o padrão do ritual executado para todos os heróis nas obras homéricas, como acontece com Pátroclo (Hom. *Il.* XXIII. 208-225), Heitor (Hom. *Il.* XXIV. 782-804) e Aquiles (Hom. *Od.* XXIV. 63-77). Trata-se de uma condição de existência de Hércules enquanto herói, demonstrando seu caráter mortal. O alcance da imortalidade para os demais heróis se dá por meio de formas variadas, porém, sobretudo a partir da perpetuação da memória. Hércules, por sua

vez, é imortalizado por meio da divinização com a entrada no mundo dos deuses.

Para ascender ao Olimpo, Hércules tem que morrer, sua carne humana queimar, a túnica envenenada não o mata, o herói sabe que era necessário um auto sacrifício para deixar de ser mortal e morrer de forma digna e característica de um herói (SHAPIRO, 1983, p. 16). Para adquirir o caráter imortal, divino, seu corpo deve ser aniquilado, sublimado.

Observa-se que todo esse processo e os elementos da mortalidade e imortalidade característicos da existência de Hércules se manifestam na materialidade por meio das expressões da cultura visual (MENESES, 2003, p. 25), tanto nas cenas da busca de Cérbero, como nas da apoteose do herói aqui apresentadas. Essas cenas evidenciam que os vasos cerâmicos transmitem uma mensagem por meio da narrativa para os gregos antigos (SARIAN, 1987, p. 16-17).

Esse breve exercício de análise iconográfica nos permite perceber que a sociedade grega antiga expressa e exterioriza por meio da mitologia e da religião suas visões e concepções sobre a morte e o morrer de uma forma mais generalizada. Da mesma forma que as práticas rituais funerárias são constituídas por elementos e etapas padronizadas, como a realização da *próthesis*, da *ekphorá* e da realização do sepultamento, é evidente que há nuances, diferenças e especificidades na *performance* de execução das ações e nas expressões materiais e visuais cosmogônicas entre as variadas *póleis* em seus diferentes períodos e contextos históricos.

Contudo, as representações imagéticas de uma figura mitológica pan-helênica demonstram que a morte e o morrer constituem uma preocupação central das sociedades gregas, tentando viabilizar formas de alcançar a imortalidade, seja pela perpetuação da memória, seja por meio de um caso bastante particular que é a divinização de um ser com características especiais como Hércules. As imagens dos vasos cerâmicos narram e comunicam os valores simbólicos de um herói imortalizado pela sua morte, Hércules figura heroica divinizada, que transita entre diferentes mundos, o *herói-deus* (PORTO, 2018, p. 187-188).

Como o título desse dossiê, "*A última viagem humana (...)*". Hércules, ao descer no mundo dos mortos e subir o Monte Eta para queimar na pira, realiza sua última viagem enquanto humano e finaliza sua jornada enquanto herói e mortal para ingressar no mundo dos deuses, consagrando sua apoteose. A identidade pan-helênica do mito de Hércules adquire, por meio da cultura visual expressa pela produção cerâmica, uma identidade em relação ao alcance da imortalidade. As concepções da morte e do morrer fazem parte de um universo identitário pan-helênico em que a perpetuação da memória e a divinização constituem formas de superar a inevitabilidade do caráter mortal humano.

## LISTA DE ABREVIATURAS

hes., Op., – Hesiodus, *Opera et Dies*, (Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*).

Hom., Il., – Homerus, *Ilias*, (Homero, *Ilíada*).

Hom., Od., – Homerus, *Odyssea*, (Homero, *Odisseia*).

## FONTES

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Edição, tradução, introdução e notas: Alessandro Rolim de Moura. Curitiba, PR: Segesta, 2012.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones; introdução à edição de 1950 E. V. Rieu. 1a ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. – Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDROVANDI, C. E. V. A Imagética Pretérita: perspectivas teóricas sobre a Arqueologia da Imagem. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 19, p. 39-61, 2009.

BOARDMAN, J. *Athenian black figure vases*. London: Thames and Hudson, 1974.

BOARDMAN, J. *Athenian Red Figure Vases: the archaic period*. London: Thames and Hudson, 1975.

BOARDMAN, J. *Athenian Red Figure Vases: the classical period*. London: Thames and Hudson, 1989.

BRANDÃO, J. S. *Dicionário mítico – etmológico*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

CARPENTER, T. H. Herakles. In: \_\_\_\_\_. *Art and Myth in Ancient Greece*. London: Thames and Hudson, 1991, p. 117-159.

FLACELIÈRE, R; DEVAMBEZ, P. *Héraclès. Images e Récits*. Paris: E. de Boccard, 1966.

GRIMAL, P. *Mitologia grega*. Tradução de Rejane Janowitz. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

MENESES, U. T. B. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

PORTO, V. C. Héraclès, um Herói-Deus. *Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino*, v. 1, n. 2, p. 180-193, Jul./Dez, 2018.

SARIAN, H. A cerâmica como documento arqueológico. In: Semana de Pré-História e Arqueologia/36ª Reunião Anual da SBPC, 1984, São Paulo. *Revista de Pré-História*. São Paulo: Instituto de Pré-História/USP, v. 6, p. 196-204, 1984.

SARIAN, H. A expressão imagética do mito e da religião nos vasos gregos e de tradição grega. *Cultura Clássica em Debate*, v.6, Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos, UFMG. p. 15-48, 1987.

SARIAN, H. Mito e Imagística nos Vasos Gregos. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v.5, p. 163-175, 1999.

SHAPIRO, H. A. "Hêrôs Theos": The Death and Apotheosis of Herakles. *The Classical Word*, v.77, n. 1, p. 7-18, 1983.

STAFFORD, E. Héraklès: encore et toujours le problème du heros-theos. *Kernos*, v.18, p. 391-406, 2005.

## ■ SITES CONSULTADOS

ANCIENT HISTORY ENCYCLOPEDIA. <https://www.ancient.eu/> - acesso em 19/11/2019.

BEAZLEY ARCHIVE. <https://www.beazley.ox.ac.uk/index.htm> - acesso em 19/11/2019.

BRITISH MUSEUM COLLECTION ONLINE. [https://research.britishmuseum.org/research/collection\\_online/search.aspx](https://research.britishmuseum.org/research/collection_online/search.aspx) - acesso em 19/11/2019.

DIGITAL LIMC. <https://www.weblimc.org/> - acesso em 15/11/2019.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART: HOME. <https://www.metmuseum.org/> - acesso em 19/11/2019.